

MINERAÇÃO

Quatro homens continuam desaparecidos em Rondônia depois de dois dias de buscas. Investigadores suspeitam de briga por reservas de diamantes

Funai e Polícia Federal procuram garimpeiros

Marina Oliveira
Da equipe do Correio

Lindauro Gomes 25.5.00

A Polícia Federal encontrou um corpo de garimpeiro morto dentro da reserva indígena de Roosevelt, a 190 quilômetros de Porto Velho, em Rondônia. Quatro pessoas continuam desaparecidas na região. Este foi o episódio mais violento registrado desde a descoberta pelos índios de um veio de diamante em suas terras no início de 2001. No ano passado inteiro, houve quatro mortes de garimpeiros na disputa pelo controle das pedras.

Menos de um mês depois de abandonar o policiamento da reserva, a Polícia Federal e a Fundação Nacional do Índio (Funai) tiveram de voltar ao local. Em fevereiro passado, começou uma operação conjunta do Ibama, PF e Funai para retirar os quase três mil garimpeiros trabalhando ilegalmente na região. Foram apreendidos equipamentos e diamantes e 80 pessoas acabaram presas.

"Saímos em dezembro e houve um retorno dos garimpeiros ao local numa velocidade impressionante", diz Valdirinho Caetano, delegado da PF e coordenador das investigações em Roosevelt. Segundo Caetano, a maior parte das pessoas vem do Norte e Nordeste. A proximidade com outras áreas de garimpo também dificulta o controle sobre a região.

CORRUPÇÃO OFICIAL

A Funai e a Polícia Federal negam oficialmente, mas existe suspeita de participação de uma multinacional canadense na extração dos diamantes. A empresa estaria contribuindo para o aumento da violência, equipando com armas e dinheiro alguns grupos de garimpeiros. A briga pelo



GLÊNIO ALVAREZ, PRESIDENTE DA FUNAI, INVESTIGA ENVOLVIMENTO DOS FISCALIS NO CONTRABANDO DE DIAMANTES

controle dos melhores campos de exploração explicaria a escalada da violência a partir da saída da PF da região.

Os próprios índios e alguns funcionários da Funai e do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) montaram um esquema de corrupção para contrabandear as pedras. Dois servidores da Funai estão presos em Mato Grosso. A partir de relatório de uma comissão interna, o presidente da Funai, Glênio Alvarez, determinou a abertura de um processo disciplinar para determinar o grau de participação dos fiscais na máfia.

Pelas investigações feitas até o momento, os servidores da Funai cobravam entre R\$ 10 mil e R\$ 18 mil para instalar a



máquina de diamantes na reserva. A área de Roosevelt está entre as maiores jazidas da pedra encontradas até hoje no Brasil. Os garimpeiros também ficariam obrigados a pagar 30% de tudo que encontrassem aos

fiscais. Uma parcela desse dinheiro era usada para subornar líderes indígenas coniventes com o esquema de corrupção. Os fiscais também são acusados de torturar quem se recusasse a pagar esse "pedágio". Outros dois servidores presos foram liberados pela polícia por falta de provas.

"Para evitar mais violência, colocaremos imediatamente pelo menos 80 homens para fazer a segurança da reserva", afirma o delegado da PF. Uma força pequena para fiscalizar uma área de quase 1 milhão de hectares, inacessível por via terrestre. Dois helicópteros das Forças Armadas foram cedidos para sobrevoar a reserva e localizar os garimpeiros desaparecidos. A primeira ossada foi achada pela PF, no domingo.

Falta policiamento na reserva

O Ibama, a Polícia Federal e a Funai estudam uma maneira de fazer o policiamento permanente da reserva de Roosevelt. O problema da exploração de minérios em terra indígena não está restrito a Rondônia. Em outras áreas do Norte do país existem conflitos localizados de garimpeiros e índios pelo controle das pedras preciosas. A situação de Roosevelt é mais grave pelo grande número de pessoas hoje no local.

A Constituição de 1988 já previa a exploração de minérios em terra indígena. Falta, no entanto, uma regulamentação que estabeleça regras para essa atividade, quem fiscaliza a extração e as penalidades para os infratores.

Segundo Azelene Kaingang, líder do movimento indígena e funcionária da Funai, a aprovação do Estatuto do Índio, em tramitação no Congresso há mais de dez anos, resolveria em parte a questão. "Essa situação já foi longe demais, mas onde faltam regras claras prolifera a corrupção e a violência", reclama.

O Estatuto sozinho não resolve o problema. Falta à Funai, ao Ibama e à PF funcionários suficientes para fazer cumprir a Constituição. Isso porque a lei garante aos índios o direito exclusivo de retirada dos minérios de suas terras. A idéia dos parlamentares era justamente evitar disputas como a da reserva de Roosevelt, na qual grupos rivais de garimpeiros se matam pelo controle dos diamantes.

ESTADO AUSENTE

A falta de policiamento nas áreas indígenas tem criado outros focos de violência em Rondônia. No final de dezem-

bro, um líder local, Carlito Cinta-Larga, foi assassinado por pistoleiros em Aripuanã, reserva próxima a Roosevelt. Foi a exploração de madeiras nobres que provocou o conflito. O Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), do Ministério da Justiça, enviou ontem uma comissão à região para apurar as circunstâncias da morte do índio.

A Polícia Federal também entrou nas investigações com a Polícia Civil do Mato Grosso, responsável pelo inquérito. O Conselho ouviu na sexta-feira relato

de uma funcionária da Funai que esteve em Aripuanã. Segundo o depoimento, existe a possibilidade de mais mortes na disputa pelo comércio da madeira.

A informação dada pela funcionária da Funai levou o Conselho a mandar um grupo até a região para acompanhar a apuração do caso. Dentro do governo e da Funai há quem defenda a entrada das Forças Armadas no patrulhamento das reservas indígenas como a única solução para aumentar a presença do estado e reduzir a violência. (MO)

TUTELA QUESTIONADA

Nem as lideranças indígenas conseguem se entender sobre o Estatuto do Índio. Hoje, os índios estão sob a tutela da Funai e não podem ser responsabilizados por crimes cometidos por eles. Se o Estatuto fosse aprovado, passariam a responder por seus atos como qualquer brasileiro. Uma parte das lideranças acredita que esse é o único caminho para aumentar o poder da comunidade indígena. Outros, no entanto, temem o esvaziamento da Funai e das conquistas conseguidas até aqui.